

CORPO, COMPLEXIDADE E HUMANISMO: APORTES PARA UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA CAPOEIRA

DOUTORANDO: EDUARDO OKUHARA ARRUDA

ORIENTADOR: PROF. DR. RUI JOSGRILBERG

RESUMO

A busca por um diálogo entre a teoria da Complexidade, a Motricidade Humana e a abordagem humanista constitui o nosso ponto de interrogação, isto é, pode o ensino da capoeira estar debaixo dessas propostas teóricas? O objetivo foi verificar o discurso dos mestres de capoeira, visando, a partir desses levantamentos, apresentar as nossas propostas pedagógicas, uma capoeira como pressuposto de educação para a vida e, sobretudo, uma educação pautada no humanismo. Vale destacar que a tradição positivista no ensino da capoeira é alvo de crítica de nosso trabalho. O corpo e a capoeira nessa visão fragmentada são diminuídos. A corporeidade do sujeito não é respeitada no todo e a capoeira, como fenômeno multifacetado, não é contemplada na sua totalidade. Quanto aos procedimentos metodológicos para compreender os discursos dos mestres, usamos a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), por meio da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa adaptada por Simões (1998). A pesquisa revelou que, embora a maior parte dos mestres tenha tido uma formação pautada numa pedagogia tradicional, positivista, militarista em muitos casos, como revelam as sínteses das histórias dos mestres, esses, por sua vez, indicam nos seus discursos outra preocupação, uma

* Doutorando em Educação (UMESP). Mestre em Educação Física (UNIMEP); Docente da UMESP no Curso de Educação Física e do Núcleo de Formação Cidadã, Membro do Comitê Executivo da Cátedra Gestão de Cidades. Docente da Unifal no Curso de Educação Física. Coordenador do Projeto Práxis Capoeira na UMESP; Coordenador do Projeto de Capoeira no Instituto Padre Leo Comissari.

preocupação da capoeira como forma de convivência humana, educação para a cidadania, de respeito às diferenças humanas, entre outros significados.

Palavras-chave: Capoeira; Corporeidade; Humanismo.

ABSTRACT

The search for a dialogue between the theory of Complexity, the Human Ability to Move and human approach, make our question mark, that is, the teaching of capoeira may be under these theoretical propositions? Our goal was to check the speech of the masters and from this information show our pedagogical proposals, the capoeira as a background for education and life and, moreover, an education emphasized on humanity. It's worth pointing out that the positive tradition on the teaching of capoeira is a target of criticism in our job. The body and capoeira are diminished under this split vision. The body build of the subject isn't respected as a whole and capoeira, as a multifaceted phenomenon isn't used in its totality. About the methods and procedures to understand these speeches, we used the Bardin Contents Analysis (1977), through the Estimating Certain Analysis Technique adapted by Simões (1998). The research revealed that, although most masters have had a graduation related to a traditional, positive, militarist pedagogy in many cases, as the summary of the history of the masters reveals, these, however, show in their speech, another concern, a concern in capoeira as a way of human companionship, education for citizenship, respect for human differences, among other meanings.

Keywords: Capoeira; Embodiment; Humanism.

INTRODUÇÃO

Capoeira é luta de dançarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, é bailado, é disputa simbiose perfeita de força e ritmo, poesia e agilidade. Única em que os movimentos são comandados pela música e pelo canto. É a submissão da força ao ritmo. Da violência à melodia. A sublimação dos antagonismos. Na capoeira os contendores não são adversários, são camaradas. Não lutam, fingem lutar. Procuram genialmente

dar a visão artística de um combate. Acima de um espírito de competição, há um sentido de beleza. O capoeira é um artista e um atleta, um jogador e um poeta.¹

Depois da ladainha, do canto de entrada, no coro do primeiro corrido, estendemos as mãos para o céu, pedimos a proteção, fazemos o pelo sinal e começamos o jogo. Entramos na roda jogando com nossas próprias aprendizagens.

Sentimos com o transcorrer de nossas experiências que passamos a viver cotidianamente essas mudanças, naturalmente, com inquietações, dúvidas e incertezas, pois nossa práxis é interrogada constantemente por nós e pelos outros.

Essas palavras que aqui irrompem, ganham forma e vida abertamente, sem racionalizações, provavelmente não encontram lugar numa ciência positivista, racional e sem poesia, pois a ciência que nos dará acolhida, que nos ajudará a navegar por esses oceanos de incertezas, está ancorada nos postulados que apontam para a complexidade humana e suas múltiplas dimensões. Se fôssemos poetas, diríamos:

Entre a ciência e a poesia, ficamos com a poesia. O cientista fala a linguagem da razão, é racional e o poeta, Ah! o poeta fala a linguagem da emoção, é amoroso, dialogante. A ciência é empírica, é análise, avalia-ação e observa-ação, enquanto a poesia, é experiência, é síntese, aceita-ação, contempla-ação. A ciência é mente e a poesia coração. A ciência estuda o objeto, o fenômeno, é produção. A poesia estuda a vida, os sentimentos, é beleza, prazer e alegria. A ciência fria, dogmática não dá pra mim. Agora, a ciência que com rigor faz poesia, traz vida e gera emoção ah! essa ciência me alegra, é humana, essa sim.²

Somos transgressores. Queremos transgredir a lógica de uma (cons) ciência dogmática, racionalizadora e, nesse momento-movimento de (in) fluência dos pensamentos que vão brotando,

¹ Poema de Dias Gomes que, a meu ver, desvela de forma poética a polissemia da capoeira e, especialmente, sua práxis educativa.

² Poema apresentado em minha dissertação de mestrado para compreender os reducionismos vinculados à ciência de cunho positivista (ARRUDA, 2006).

deixamos as palavras ganhar sentido, se auto organizarem, e suavemente se encontrarem umas às outras e, assim, vamos nos sentindo movidos, motivados, levados, imbuídos, felizes, contentes mesmo, por isso e por tudo isso, autenticamente, aqui, agora, sendo, estando, sem medo, aventureiros na roda.

Vale lembrar que como diz Moreira (1995), a produção de um trabalho científico não começa apenas na sua elaboração nem tampouco na sua descrição, mas na história do pesquisador que está intimamente presente.

Nesse processo de rememorar, rememoramos nossa história, nossa caminhada singular na aprendizagem da capoeira. Recordamo-nos dos primeiros treinos balizados num modelo mecânico e positivista.

Nossa pesquisa científica é de natureza qualitativa e quer, em última instância, responder ao que estamos interrogando: Pode a aprendizagem da capoeira estar debaixo da base epistemológica da teoria da complexidade de Morim? Pode a aprendizagem da capoeira respeitar os princípios da Motricidade Humana e de uma pedagogia humanista defendida por Carl Rogers?

A RODA COMO METÁFORA DO MUNDO: DO JOGO CARTESIANO PARA O JOGO DA COMPLEXIDADE

A roda é para o capoeira³ a metáfora do mundo. É dentro da roda, dentro desse mundo que o jogo ganha vida, significado e movimento; sem a roda não tem jogo. Cuidar da roda é cuidar do mundo. Jogar capoeira é cuidar do outro.

Na medida em que percebemos o mundo destituído da ideia relacional de vida e do sentido humano, caímos num profundo reducionismo e incorremos em tendências positivistas. Como nos alerta Capra (1982) acerca da concepção orgânica, viva e espiritual do universo, substituída pela concepção de mundo máquina, metáfora dominante da era moderna.

Essa noção mecânica do mundo e dos seres vivos que o constituem passa a representar a forma hegemônica de conceber o universo e a vida, metáfora que na concepção cartesiana era perfeita, pois tudo funcionava semelhantemente como um

³ Utilizamos a expressão *capoeira* também para fazer referência ao sujeito.

relógio, controlado por leis matemáticas exatas. Descartes influenciou a maneira de ser da ciência, onde o corpo dividido poderia ser manipulado. Essa concepção parece estar pautada numa ideia de que é dividindo, fragmentando, isolando, que se tem o controle e a manipulação.

Para Capra (1982), essa liberação para depredar o meio é fruto de uma concepção mecânica de ver o mundo, pois, se o planeta fosse concebido como algo vivo, a sua depredação corresponderia a uma violação do comportamento ético humano. Nesse sentido, o pensar cartesiano como um pensar dominante, elitizado, expresso como “autoridade” científica, acabou por outorgar, historicamente, a depredação da natureza, característica da cultura ocidental.

Assim era concebido o corpo, como máquina, matéria, destituído de espiritualidade, o que, a nosso ver, permite o estabelecimento de relações assimétricas e unilaterais, pois ao conceber o outro enquanto máquina-objeto, há uma forte desconsideração pelo humano integral e se afigura uma relação vertical, de controle e manipulação.

O pensamento complexo é “animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelar, não fechado, não redutor e o reconhecimento do inacabamento, da incompletude de todo o conhecimento” (MORIN, 1990, p. 10).

Na medida em que os sujeitos se percebem como partes isoladas e que ocupam apenas um espaço na roda, deixam de dar a sua contribuição. Já a ideia de interdependência na composição do todo, aqui especificamente a roda, permite entendermos que cada um pode se expressar corporalmente de diferentes formas, participando do jogo, cantando, tocando os instrumentos e, batendo a palma em harmonia, manifestando corporalmente sua alegria, liberando suas emoções, gerando uma atmosfera envolvente, de tal maneira que cada participante, de um modo singular, possa contemplar toda a poesia da capoeira, sua beleza e seus encantamentos.

Atinente à capoeira, o paradigma positivista se faz presente na medida em que a mesma não é contemplada na sua multidimensionalidade, isto é, quando é fragmentada e isolada de suas múltiplas dimensões.

A capoeira tem na sua mestiçagem o amálgama de várias culturas, interesses sociais, políticos e ideológicos, em diferentes momentos sócio-históricos e contextos, o que contribuiu, a nosso ver, para gerar essa diversidade cultural dentro do próprio universo da capoeira. Nesse mosaico de diferentes linguagens corporais, a capoeira expressa múltiplas dimensões como, luta, dança, jogo, estética, prática corporal, música, história, tradição, ritualidade, memória, lazer, ludicidade, filosofia, educação etc. Dimensões essas que estão juntas, ligadas umas às outras, e não separadas.

Na concepção do pensamento positivista, redutor, a capoeira é fragmentada, isolam-se suas dimensões. Ora se reduz ao esporte, à competição, à busca do aperfeiçoamento técnico e do rendimento; ora se reduz à atividade física, ora se busca o movimento, a prática e o treino, negligenciando conceitos e atitudes, a história, suas tradições, oralidade, cultura, filosofia e, nesse sentido, a consciência de um movimento para a libertação e a educação integral.

Entendemos que é tarefa da educação promover a autonomia dos alunos e alunas, não obstante, não significa dizer que não podemos caminhar com nossos educandos. A sabedoria oriental⁴ explica esse caminhar ao dizer que “a vida é um caminho e que ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro. Mas dizia também o sábio chinês que uns podem ir no caminho com os outros, sendo-lhes companheiros”.

Ainda discutindo o processo de aprendizagem, compartilhamos com vários autores como Feitosa (1999); Freire e Scaglia (2003); Gonçalves (1994); Regis de Moraes (1986); Rogers (1973); Rosa (2002) e tantos outros, que a aprendizagem se encontra facilitada a partir de um encontro com o educando numa relação de sujeito-sujeito ou eu-tu, onde se considera a subjetividade do mesmo. Numa relação sujeito-objeto ou eu-objeto não se respeita a subjetividade do outro, sua história, sua existencialidade.

Na relação eu-tu, há um encontro, em que o outro é visto com identidade própria, como também um eu que possui suas próprias aspirações, suas intencionalidades, sentimentos e uma

⁴ Provérbio chinês de Lao-Tsé.

história pessoal que constitui uma maneira pessoal de ser-e-estar-no-mundo.

Acontece que tudo isso não está dado por princípio. Precisa ser construído na relação “eu-outro”. Trata-se de uma possibilidade a ser mais explorada. Afinal, esse é o papel da educação, re-inventar, re-criar, re-transformar e brincar.

PRINCÍPIOS NORTEADORES DA AÇÃO PEDAGÓGICA DA MOTRICIDADE HUMANA

As propostas dos princípios norteadores da ação científico-pedagógica da Motricidade Humana traduzem, a nosso ver, uma forma de alcançar uma educação integral. São nove pares, com as condições facilitadoras da abordagem humanista, que vão compor o quadro das ações pedagógicas para uma aprendizagem da capoeira na perspectiva de uma educação humanista.

Entre os vários princípios norteadores para as ações pedagógicas encontrados na Motricidade Humana, optamos pelos princípios de Feitosa (1999), princípios norteadores que servirão de base para apontar as ações pedagógicas do facilitador no processo de aprendizagem da capoeira com as condições facilitadoras da abordagem humanista de Carl Rogers. Os princípios apresentados pela autora estão pautados em propostas que respeitam os valores que se orientam para uma educação humanista. Vamos aos nove princípios norteadores:

- Integridade-honestidade;
- Autoconsciência-heteroconsciência;
- Sentido da vida-evolução;
- Autodisciplina-autoliderança;
- Liberdade-responsabilidade;
- Sinergia-Interdependência;
- Cinefantasia-visualização;
- Autoestima-altruísmo;
- Amor incondicional-cosmoética.⁵

⁵ Ver ARRUDA, E. O. Capoeira – Corpo, Complexidade e Humanismo: Aportes para uma proposta pedagógica. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba. FACIS/PPGEF. Piracicaba, São Paulo, 2006.

Como percebemos, os princípios enunciados por Feitosa, como ação pedagógica para a Motricidade Humana, buscam propostas humanas e, especialmente, coadunam-se às propostas de Rogers, não só pela confluência-convergência de teses, mas pela preocupação do autodesenvolvimento e autossuperação, pressuposto básico da Motricidade Humana.

CONDIÇÕES FACILITADORAS PARA O AUTODESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM HUMANISTA

A abordagem humanista tem como pressuposto o autodesenvolvimento, a aprendizagem autodirigida, a liberdade para aprender, o educar para a liberdade, o viver com liberdade e, portanto, aprender, educar e viver nessa perspectiva, implica, não só aceitar a si mesmo, mas aceitar a realidade e o outro.

Na perspectiva rogeriana, o ser humano é livre e faz suas escolhas e apostas existenciais para assumir, de modo singular, sua forma de ser-estar-jogar na roda.

O homem é subjetivamente livre, sua vida é fruto da opção e responsabilidade, é ele o arquiteto de si mesmo. Dedicar grande parte da sua existência ao seu próprio ser (ROGERS, 1973).

Como diz Rogers (1983, p. 14), aceitar a realidade é pôr em suspensão formas de julgamentos e avaliações de valores e qualidades, pois

quando olho um pôr-do-sol, não me ponho a dizer: “diminua um pouco o tom do laranja no canto direito, ponha um pouco mais de vermelho na base etc. Não faço isso. Não tento controlar um pôr-do-sol. *Olho com admiração a sua evolução gosto mais de mim quando consigo contemplar assim o outro* (grifos do autor).

As proposições de Rogers (1983, p. 56) apontam para um estado de transformação, crescimento e atualização a partir dessa atitude de aceitação diante do outro, pois “quando as pessoas são abordadas dessa forma, quando são aceitas como são, revelam-se muito criativas e plenas de recursos para examinar e transformar suas próprias vidas”.

Rogers (1983) nos apresenta inferências interessantes, dignas de serem levadas com seriedade. A partir das suas experiências, estudos e pesquisas e, principalmente, a partir da realidade dos seus contatos com as pessoas em atendimento, assevera que quando se cria uma atmosfera psicológica adequada, o ser humano é merecedor de confiança, torna-se mais criativo, motivado, construtivo e potencializa suas capacidades.

Quanto às condições facilitadoras da abordagem humanista, Rogers, (1983); Rogers, (1999); Rogers e Kinget, (1977); Rogers e Wood, (1983) aqui entendidas como princípios que vão nortear as ações pedagógicas no processo de aprendizagem da capoeira, optamos por sete princípios facilitadores:

- Autenticidade ou Congruência;
- Respeito;
- Tolerância;
- Escuta profunda;
- Empatia;
- Aceitação;
- Relação de ajuda.⁶

Essas atitudes facilitadoras apresentadas constituem um conjunto de elementos que interligados são propiciadores de um clima favorável ao processo de atualização e da aprendizagem significativa. Essas atitudes geram condições de um ambiente favorável e, por sua vez, propiciam experiências mais espontâneas, livres e, naturalmente, experiências que darão maiores possibilidades de modificações autógenas e aprendizagens que remetem ao crescimento pessoal e o autodesenvolvimento, como revela Rogers (1999, p. 263):

A nossa experiência ensina-nos que, quando estas (...) condições existem, ocorre inevitavelmente um processo de alteração. Aprende deste modo a estar mais aberto à sua

⁶ Ver ARRUDA, E. O. *Capoeira – Corpo, Complexidade e Humanismo: Aportes para uma proposta pedagógica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba. FACIS/PPGEF. Piracicaba, São Paulo, 2006.

própria experiência integral, tanto no que lhe é interior como exterior. Ele aprende a ser mais a sua experiência, a ser os seus sentimentos, tanto os sentimentos que considera terríveis como os que qualifica como mais aceitáveis. Torna-se uma pessoa mais flexível, mais modificável, mas capaz de aprender.

As condições facilitadoras criam um estado interior suscetível à mudanças, à atualização pessoal e ao autodesenvolvimento. Essas condições, aliadas aos princípios norteadores da ação pedagógica da Motricidade Humana, a nosso ver, e considerando nossos postulados teóricos, constituem interessantes recursos pedagógicos na direção de uma educação integral e consciente.

Na perspectiva humanista, o sujeito é, acima de tudo, humano, uma pessoa sensível, empática, afetiva, que atua na direção de assumir atitudes facilitadoras, a fim de gerar uma atmosfera adequada à atualização das pessoas. Sua função se orienta para a expansão da consciência e das potencialidades das pessoas, buscando plenitude, autenticidade, favorecendo a todos envolvidos no processo de aprender com maiores possibilidades de vir-a-ser-mais.

NA RODA COM OS MESTRES: O MÉTODO DA PESQUISA

Como já apontamos na introdução do nosso trabalho, a opção pelo método de pesquisa é de natureza qualitativa. Para Haguette (2005, p. 63), o método de natureza qualitativa é aquele que “fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas societárias”.

Para compreendermos melhor os mestres de capoeira, sua prática pedagógica, sua visão de capoeira como instrumento de educação e, sobretudo, perceber melhor suas atitudes no processo de ensino-aprendizagem da capoeira é que optamos pela técnica de Análise de Asserção Avaliativa, adaptada por Simões (1998), pois partimos do pressuposto de que os discursos são re-

veladores da nossa impressão-visão acerca dos fenômenos, sejam eles objetivos ou subjetivos sempre impregnados de julgamentos de valor. Para Bardin (1977, p. 156), uma atitude

é um núcleo, uma matriz muitas vezes inconsciente, que produz (e que se traduz por) um conjunto de tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação mais ou menos coloridas. Encontrar as bases destas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais, tal é o objetivo da análise da asserção avaliativa.

Na ocasião da coleta de dados, nos dirigimos a quatorze mestres, sendo que desses quatorze, dois se negaram a dar a entrevista. Um dos mestres nos informou que não poderia proceder com o expediente da entrevista, em virtude de falta de tempo. Já o outro mestre informou-nos que por questões de natureza religiosa não lhe fazia bem falar da sua história com capoeira, o que respeitamos profundamente.

Dos doze entrevistados, foram onze homens e uma mulher. Pedimos que contassem a sua história com capoeira, isto é, que rememorassem seus primeiros passos com a capoeira, com liberdade e de forma não diretiva. Num segundo momento da entrevista, perguntamos aos mestres como eles compreendiam a capoeira enquanto instrumento de educação. Dirigimo-nos aos mestres da seguinte forma:

1. “Mestre, conte-nos um pouco da sua história com a capoeira”.
2. “Como a capoeira pode ser um instrumento de educação para a vida?”

Com relação ao critério das escolhas dos sujeitos entrevistados, procuramos mestres de diversas “origens” e de localizações diferentes da Grande São Paulo, como São Caetano do Sul, São Paulo – Zona Leste e Região Central, São Bernardo do Campo, Santo André, Diadema e Alphaville, todos mestres de capoeira em academias com mais de 20 anos de prática. Dos doze sujeitos entrevistados, apenas um é formado em Educação Física (mestre 4) e dois são estudantes (mestre 3 e 10).

NA RODA: ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir do apontamento das categorias e da constituição da tabela das unidades de significados dos mestres com relação ao fenômeno capoeira como instrumento de educação, caminhamos para as análises dos resultados, a fim de localizar os pontos convergentes e, ainda, confrontar a opinião dos mestres com o nosso conteúdo teórico.

Conforme podemos verificar na tabela, a categoria que apresentou maior convergência na narrativa dos mestres sinalizou que a capoeira desperta a consciência de “interdependência”, pois não se joga capoeira sozinho e sim com o outro e, ainda, propicia a socialização, a união, a possibilidade da convivência humana e a troca nas relações humanas. Já a narrativa dos mestres com relação à “formação cidadã” e o desenvolvimento de “atitudes”, como o respeito às pessoas e às diferenças, quatro mestres convergiram.

Quanto à categoria que entende a “capoeira como instrumento de educação”, mas que, para ser um fenômeno educativo, precisa de mestres e professores preparados, com boa didática, valorizando os aspectos positivos da capoeira e que precisam ser educados para educar, apenas três mestres se posicionaram nessa direção, o que nos remete a uma preocupação relevante, pois se apenas três mestres se posicionam nesse sentido, os demais, portanto, não valorizam essa questão, isto é, não consideram que o mestre deve ser um profissional preparado, atualizado e qualificado para ser um mestre-educador.

No que se refere às categorias menos expressivas, com a manifestação de dois mestres, apenas, temos a capoeira como possibilidade autoeducativa; o mestre como um referencial para os seus alunos; a capoeira como forma de reintegrar o jovem marginal ou próximo da marginalidade à sociedade; o mestre como agente transmissor de paz e responsável por conselhos positivos, contra uma capoeira agressiva e geradora de violência e, por fim, contraditoriamente, mestres que consideram a capoeira como um fenômeno, que, ao mesmo tempo que educa, pode deseducar, pois há mestres que ensinam atitudes negativas aos seus alunos, como agredir, xingar e desmoralizar as pessoas.

UNIDADE DE SIGNIFICADOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	TOTAL
1 – A capoeira permite a autoeducação, foi minha escola, minha faculdade.													2
2 – Além da formação capocrista, deve-se educar para a formação cidadã.													4
3 – Para a capoeira tornar-se instrumento de educação, o mestre deve estar preparado, ter uma boa didática, revelar as coisas positivas da capoeira e ser uma pessoa educada.													3
4 – A capoeira contribui para desenvolver o respeito entre as pessoas e as diferenças étnicas, sociais e culturais.													4
5 – A capoeira desperta a consciência de interdependência, pois não se joga sozinho e sim com o outro. Propicia a socialização, a união, a convivência e a troca.													6
6 – A leitura, o estudo, e o desenvolvimento de trabalhos teóricos dentro da capoeira representam uma maneira de educar.													1
7 – O mestre ou professor de capoeira deve estabelecer uma relação afetiva onde o corpo não seja visto como uma máquina, mas na sua dimensão humana.													1
8 – A capoeira representa uma possibilidade de movimentar o corpo, é o que falta nas escolas.													1
9 – O mestre é uma referência de atitudes, um espelho para o aluno.													2
10 – A capoeira pode reintegrar o jovem marginal ou próximo da marginalidade para a sociedade.													2
11 – O mestre tem que transmitir paz e dar bons conselhos. A capoeira não deve ser aceita como instrumento de agressão e violência.													2
12 – A capoeira tanto educa quanto deseduca, pois há mestres que ensinam coisas negativas para os alunos, como agredir, xingar e desmoralizar os outros.													3

⁷ Tabela de convergência das unidades de significados.

Já a categoria concernente a superação do aluno como corpo-máquina e, portanto, que respeita o corpo nas suas múltiplas dimensões humanas, foi manifestada apenas pelo mestre 3, o que reforça a necessidade de nossas proposições teóricas acerca de educação humanista, isto é, uma educação que privilegia o corpo-sujeito nas suas múltiplas dimensões humanas.

Quanto aos aspectos de incoerências ou divergências, portanto, uma leitura vertical da tabela, destacamos o mestre 4, que estabelece a crítica aos mestres que ensinam coisas negativas aos seus alunos, mas ele próprio não apresenta, no seu discurso, valores relacionados à educação.

Já o mestre 6 se dirige para a formação cidadã, mas ele mesmo não ressalta no seu discurso valores que possam sustentar essa cidadania, portanto, valores como educação, respeito, convivência, entre outros.

O mestre 8 aponta para a convivência, socialização e troca, porém, não surgem outros indicadores, isto é, a intervenção do mestre nesse processo de educar para a convivência e cooperação não aparece. Por fim, destacamos o mestre 9, que entende a capoeira enquanto pressuposto educativo, ressalta a preparação do mestre para revelar coisas positivas, no entanto, não revela de que educação está se referindo, pois seu discurso não aparece em outros indicadores que destaquem valores como educação, respeito, cidadania e outros.

O FINAL DO JOGO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas investigações teóricas, na pesquisa com os mestres e nos dados coletados, vários pontos podem ser revelados, questionados e, colocados em dúvida, pois, para nós, relevante é colocar em debate o tema da capoeira enquanto instrumento educativo. Para tanto, defendemos uma educação humanista como resultado de uma relação sujeito-sujeito, onde a aprendizagem é decorrente das trocas que ocorrem entre os sujeitos envolvidos no processo pedagógico (professor/aluno) e não a partir de uma aprendizagem mecânica, linear, unidirecional.

O discurso dos mestres revela e oculta muitos aspectos acerca da educação. Muitos mestres manifestaram, por exem-

plo, a preocupação de uma formação cidadã, no entanto, seus discursos não defenderam uma educação democrática, participativa, reivindicatória, crítica, sensível às carências do outro, uma educação contestadora de uma realidade de injustiças sociais, de inclusão a todos, de problematização, intervenção e modificação da realidade. Portanto, nos interrogamos, acerca dessa educação cidadã. Será que, de fato, se trata de uma cidadania para além de corpos socialmente dóceis, disciplinados, e educados para aceitar as imposições?

Mas o que vale considerar, neste momento final do nosso trabalho é que, para a nossa surpresa, os discursos dos mestres acerca da educação evidenciam a busca para ultrapassar um modelo pautado no treinamento físico, na técnica, numa capoeira restrita à luta. É possível inferir que muitos dos mestres entrevistados, embora formados em capoeira a partir de uma pedagogia tradicional e orientada para a preparação física e combativa, hoje, defendem outra pedagogia, uma pedagogia superadora dos modelos tradicionais, valorizando, portanto, a capoeira como educação.

Desta forma, esperamos ter dado a nossa contribuição no que tange ao debate do ensino da capoeira, suas possíveis maneiras de ensinar e, cientes de que as mudanças são gradativas, fica aqui a nossa forma de intervenção. Esperamos ainda, que outros trabalhos possam nos remeter a novas perspectivas, para que, assim, continuemos a busca de novas maneiras de compreensão desse fenômeno tão híbrido e complexo chamado capoeira.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, E. O. **Capoeira – Corpo, Complexidade e Humanismo: Aportes para uma proposta pedagógica**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba. FACIS/PPGEF. Piracicaba, São Paulo, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- FEITOSA, A. M. **Ciência da Motricidade Humana**. In: SÉRGIO, M. et al. *O Sentido e a Acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: Corporeidade e Educação**. Campinas: Papirus, 1994.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na sociologia**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

MOREIRA, W. W. **Educação Física Escolar – Uma abordagem Fenomenológica**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

REGIS DE MORAIS, J. F. **O que é ensinar**. São Paulo: E.P.U., 1986.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 1983.

_____. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia & Relações Humanas**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. R.; ROSEMBERG, L. R. **A pessoa como centro**. São Paulo: E.P.U., 1977.

ROGERS, C. R.; WOOD, J. K. **Em busca da vida**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1983.

ROSA, S. S. da. **Brincar, conhecer, ensinar**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

SIMÕES, R. **Corporeidade e Terceira Idade – A marginalização do corpo idoso**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.